

## A LOUÇA INGLESA DO SÉCULO XIX: CONSIDERAÇÕES SOBRE A TERMINOLOGIA E METODOLOGIA UTILIZADAS NO SÍTIO FLORÊNCIO DE ABREU, SÃO PAULO

*Astolfo Gomes de Mello Araujo\**  
*Marcos Rogério Ribeiro de Carvalho\*\**

ARAUJO, A. G. de M.; CARVALHO, M. R. R. de A louça inglesa do século XIX: considerações sobre a terminologia e metodologia utilizadas no sítio Florêncio de Abreu. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, S. Paulo, 3: 81-95, 1993.

**RESUMO:** A partir do estudo de louças provenientes de uma residência de fins do século XIX, procurou-se sistematizar dados e realizar uma abordagem crítica dos métodos utilizados no estudo deste tipo de vestígio material, com ênfase na faiança fina inglesa. Os principais problemas encontrados dizem respeito a conceitos como “padrão” e “modelo”. Sugere-se também o estabelecimento de “tipos”, que viriam a refinar o estudo em voga, e colocam-se algumas questões a respeito do uso da fórmula de datação média de louças proposta por Stanley South em 1971.

**UNITERMOS:** Arqueologia Histórica – Louça inglesa – Faiança fina – Metodologia – Fórmula de datação média de louças

### **Introdução**

Este artigo é um dos resultados da pesquisa arqueológica desenvolvida no Sítio Florêncio de Abreu, um imóvel de uso misto, erigido segundo os padrões construtivos e estéticos apreciados pela elite local em fins do século XIX, e que pertenceu a Eulálio da Costa Carvalho, médico com notada atuação na área de saúde pública. Atualmente, a construção abriga uma delegacia de polícia.

Durante as obras de reforma do imóvel, foi encontrado grande volume de material arqueológico, em especial fragmentos de louça. Os técnicos do Setor de Arqueologia da Secretaria Municipal de

Cultura foram acionados e pôde-se então realizar um trabalho de salvamento arqueológico no que seria o antigo quintal da casa. As estruturas encontradas sugerem que se tratasse de uma área de descarte de detritos domésticos, incluindo, além da louça, ossos de animais, vidro, metais, couro e materiais de construção.

Da necessidade de se estudar a louça, material de presença constante em sítios arqueológicos deste período, adveio a compreensão da complexidade desta área de estudo e da importância de se discutir a metodologia a ela relacionada.

### **Pequeno histórico da louça inglesa no Brasil**

Com a abertura dos portos no início do século XIX, o Brasil se colocou como um mercado próspero no que se refere ao consumo dos produtos europeus. Nessa época, a expansão da industrialização européia exigia novos mercados, e a elite brasileira não só

(\*) Depto. do Patrimônio Histórico do Município de São Paulo e pós-graduando do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

(\*\*) Depto. do Patrimônio Histórico do Município de São Paulo.

importou produtos como também elegeu a Europa como um modelo a ser seguido.

No campo da louça, os produtos franceses e ingleses disputavam intensamente o mercado, tendo por fim a louça francesa, em específico a porcelana, sido a preferida pelas camadas altas da população. Já a inglesa (faiança fina), inundou o mercado brasileiro com produtos de qualidade inferior, produzidos em grande escala, altamente consumidos por camadas médias.

Com o objetivo de vender mais e a preços mais acessíveis, os ceramistas ingleses muito atentavam para os gostos do consumidor, adotando, assim, motivos decorativos que pudessem se adequar às suas aspirações. Nesse sentido, os processos técnicos de estampagem em série – “transfer printing” –, aprimorados no decorrer do século, auxiliaram muito nessa empreitada pois tornavam a decoração mais simples, mais barata e tão fiel quanto a artesanal no tocante a detalhes e efeitos cromáticos (Brancante, 1981:503).

Os ceramistas ingleses confeccionavam louças com motivos orientais em grande quantidade, uma vez que no século XVIII, bem como nos anteriores, a produção oriental sempre teve lugar de destaque no gosto europeu. Como no Brasil até o século XIX predominavam os produtos portugueses e orientais, via Companhia das Índias, os ingleses, aspirando adentrar em um novo mercado, passaram a imitar os produtos daquela origem que eram bem aceitos, conseguindo, aos poucos, se afirmar. No entanto, não foram somente as técnicas decorativas que possibilitaram a afirmação da louça inglesa. A descoberta de pastas mais alvas, esbranquiçadas ou cremes, de cor uniforme, que dispensavam a aplicação do esmalte opaco estaniífero para encobrir a terracota, e possivelmente a produção em larga escala e os novos processos industriais tornaram a louça inglesa, denominada faiança-fina, mais acessível, possuindo ao mesmo tempo uma bela decoração e uma grande variedade de padrões que iam desde a “chinoiserie” até às cenas bucólicas de paisagens inglesas. Esses motivos acabaram tomando-a popular tanto na Europa como no Brasil. No país, a faiança-fina acabou por suplantar a faiança portuguesa no terreno utilitário, sendo usada nos serviços de mesa e vasilhame.

A faiança portuguesa continuou a ser produzida no decorrer do século XIX, adaptando-se aos novos repertórios decorativos. Por volta de

1830 sua produção passa a um segundo plano cedendo lugar à faiança-fina inglesa, embora Portugal ainda tenha tentado manter o prestígio e conseqüentemente o seu uso com algum sucesso, pois no Brasil sua aceitação manteve-se até o início do século XX (Brancante, 1981:495).

### **Considerações a respeito da nomenclatura e definições**

Para proceder ao estudo do material coletado, definimos algumas terminologias que no decorrer dos trabalhos se mostraram de justa valia. Essas definições provieram da necessidade de sistematizar todas as informações extraídas do material, possibilitando assim uma visão mais clara do acervo. Contudo, é importante ressaltar que a terminologia empregada não visou criar uma nova nomenclatura, mas sim se adequar às necessidades específicas da área. Muitos dos termos usados por antiquários e colecionadores (de onde provêm praticamente todos os estudos sobre o assunto) refletem a preocupação com aspectos distintos daqueles enfocados pelos arqueólogos. Entendemos que, para evitar confusões na nomenclatura, conceitos e termos já cristalizados devem ser respeitados, mas é importante que o arqueólogo não se perca neles.

Entendemos por “padrão” um determinado motivo decorativo que por alguma contingência passou a ser **adotado por um grande número de fabricantes**.

Entendemos por “modelo” a **denominação dada pelo fabricante** para uma decoração específica, de sua fabricação.

O “tipo”, por sua vez, advém das **necessidades internas da pesquisa**, da necessidade de separar os fragmentos por grupos de semelhança, tanto a nível constitutivo (material), como de forma e decoração. O **tipo**, portanto, combina informações tecnológicas, morfológicas e iconográficas, e é definido pelo arqueólogo. Deve ficar bem claro que os tipos definidos nesta pesquisa, em torno de quarenta, não são “novas definições”. Foram numerados em algarismos romanos e tal “denominação” é interna à pesquisa.

Definidos os termos acima, cabe apresentar alguns problemas de nomenclatura que podem se constituir em fontes de imprecisão no estudo em voga.

Como foi visto, **padrão** é uma designação geral. O Padrão Azul Borrão, por exemplo, engloba

centenas de **modelos** decorativos, como “HONC”, “TONQUIN”, etc., que possuem em comum um aspecto “borrado” nas figuras e são feitos em azul.

O mesmo não ocorre com o denominado Padrão “Willow”. Na verdade, originalmente, “Willow” era um modelo. Este modelo, porém, foi tão consumido e produzido por tantas fábricas diferentes que acabou se constituindo em um padrão. Excetuando este caso específico, não se deve confundir o *modelo*, ou seja, o nome dado pelo fabricante (“ATHENS”, “TONQUIN”, “ORIENTAL” etc) com o *padrão*.

Neste quadro, a utilidade do conceito de *tipo* é patente. Quando há definição do modelo por parte do fabricante, que imprime o nome no verso do prato, não há problema. Designar o modelo “TONQUIN” é o mesmo que designar um tipo de louça, pertencente ao Padrão Azul Borrão e com determinada decoração. No caso do Padrão Willow, porém, existem vários fabricantes e é de máxima importância para o arqueólogo diferenciar os vários **tipos** de Willow diferentes em seu acervo (neste caso específico, o tipo é definido pela marca do fabricante). No Sítio Florêncio de Abreu, foi possível distinguir pelo menos três tipos distintos de Willow, a partir das marcas. Deste modo, tem-se a possibilidade de obter datas de fabricação mais refinadas para este padrão. Citar uma fonte que diz que o Padrão Willow foi fabricado de fins do séc. XVIII até fins do séc. XIX não contribui muito para o refinamento de cronologias. Os fragmentos que não puderam ser remontados foram datados a partir dos conhecidos, tomando a data média do tipo mais antigo e do tipo mais recente existentes na coleção. Este procedimento é imprescindível para evitar um cálculo de data média distorcido, já que na verdade o Padrão Willow foi fabricado de 1790 aos dias atuais!

A seguir, relacionaremos os tipos identificados no sítio, com os dados levantados a respeito da origem, fabricante e referências bibliográficas. Adotamos para tal uma forma de apresentação adaptada de Cushion (1987).

#### PADRÃO AZUL BORRÃO

– Tipo I – Inglaterra (Staffordshire) – Copeland & Sons Ltd.

Fábrica estabelecida em 1847 e atuante até hoje. As inscrições “COPELAND, LATE SPODE” e “COPELAND” datam de 1847 a 1867, impressas

ou em relevo (fig 1, foto 1).

(Cushion, 1987:510)

– Tipo II – Inglaterra (Staffordshire) – Copeland & Garrett. Trabalhou entre 1833 e 1847, produzindo faiança fina e outros materiais cerâmicos (fig. 2).

(Cushion, 1987:510)

– Tipo V – Modelo “TONQUIN” – Inglaterra (Staffordshire) – W. Adams & Sons Ltd.

Fábrica estabelecida em 1769 e atuante até hoje. As marcas “W. ADAMS & CO”, “W. ADAMS & SONS” e “W. A. & S” datam de 1845 a 1870 (foto 2, fig. 3).

(Cushion, 1987:126)

– Tipo X – Modelo “HONC” – Holanda (Maastrich) – Petrus Regout.

Fábrica fundada em 1836 por Petrus Regout. Os produtos eram muito comuns por seu baixo custo. As marcas de leão rampante são datadas entre 1840 e 1880. A esfinge é de 1880-1920, e o leão deitado é posterior a 1915. O modelo “HONC” foi fabricado por volta de 1858 (fig. 4).

(Schavelzon, 1991:294; Williams, 1981:28)

#### PADRÃO WILLOW

– Tipo VI – Inglaterra (Staffordshire) – John Meir & Son.

Trabalhou entre 1837 e 1897, produzindo faiança fina. Apresenta as marcas “J. M. & S.”, “I. M. & S.” e “J. M. & SON” (foto 3, fig. 5).

(Cushion, 1987:548)

– Tipo VII – Escócia – J. & M.P. Bell & Co. Ltd.

Fábrica atuante entre 1842 e 1940. A marca “J.B.” é de 1842 a 1860; A marca por nós encontrada, “J. & M. P. B. & CO.” data de 1850 a 1870 (fig. 6).

(Cushion, 1987:220)

– Tipo VIII – Inglaterra (Staffordshire) – Davenport.

Fábrica atuante entre 1774 e 1887. Este tipo, com marca de âncora, é de 1830 a 1860 (fig. 7).

(Cushion, 1987:336)

#### PADRÃO AZUL

– Tipo III – Modelo “ORIENTAL” – Inglaterra (Staffordshire) – William Adams & Sons, Ltd.

As marcas “W. ADAMS & CO.”, “W. ADAMS

& SONS” e “W. A. & S.” datam de 1815 a 1850 (foto 4, fig. 8).  
(Cushion, 1987:126)

#### PADRÃO FLORAL

– Tipo XVI – Modelo “PRIZE MEDAL” – Inglaterra (Staffordshire) – Thomas, John & Joseph Mayer. Atuante de 1843 a 1855. Este tipo foi identificado a partir da comparação com uma peça de antiquário.

Não foi encontrada a marca nos fragmentos. Padrão impresso em cinza (foto 5).  
(Cushion, 1987:91)

#### PADRÃO FLORAL POLICROMO

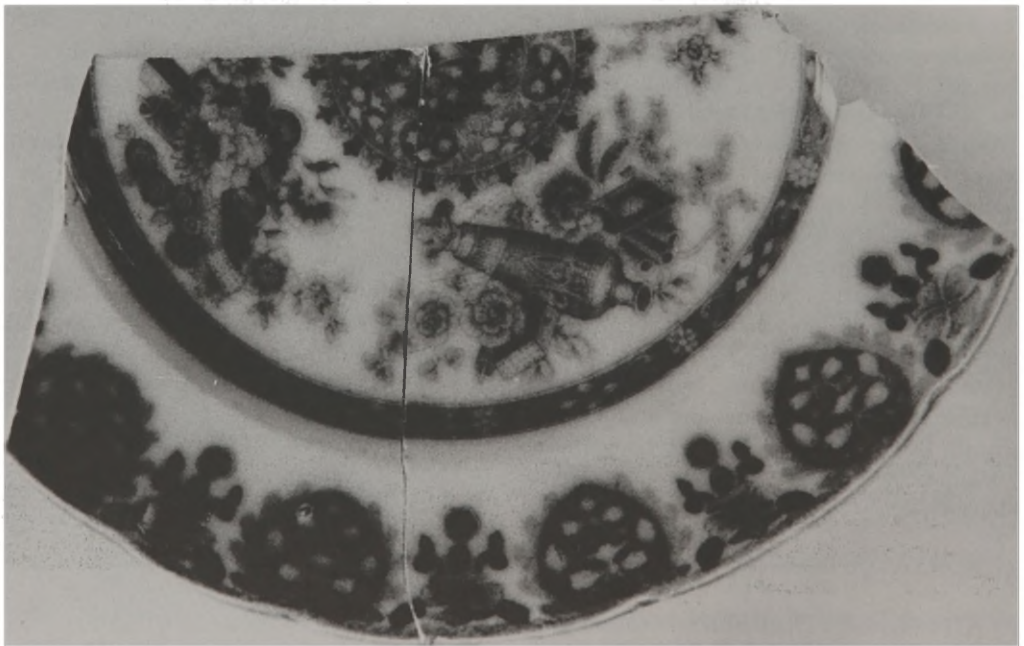
– Inglaterra (Sunderland) – Vários fabricantes(?). Pintado à mão, com temática de flores estilizadas, produzido entre 1820 e 1840.  
(Lima *et al.*, 1989:211).

Copeland  
Late Spode

*fig. 1*



*fig. 2*



*Foto 1 - Padrão Azul Borrão. Motivo decorativo do tipo I. No verso, a inscrição “COPELAND” em relevo.*

PADRÃO POLICROMO EM RELEVO

– Tipo XXXVIII – Portugal (Caldas da Rainha) - Bordalo Pinheiro.

Pintura policroma, feita à mão, sobre figuras zoomorfas em relevo nas bordas do prato. A fábrica atuou de 1884 a 1908 (foto 6).

(Brancante, 1992, comunicação pessoal; Cushion,

1987:103)

PADRÃO BLUE E GREEN EDGED

– Tipo XXIX (Blue Edged) e Tipo XXXVI (Green Edged) – Inglaterra.

Período de fabricação entre 1780 e 1830.

(Lima *et al.*, 1989:211)



fig.3



fig. 4

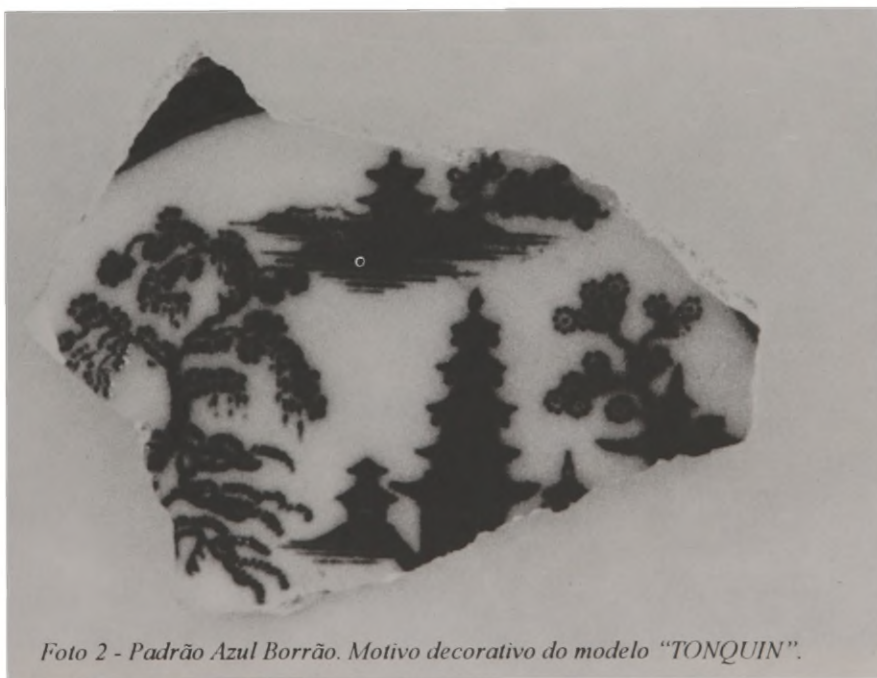


Foto 2 - Padrão Azul Borrão. Motivo decorativo do modelo "TONQUIN".





fig.5



fig.6



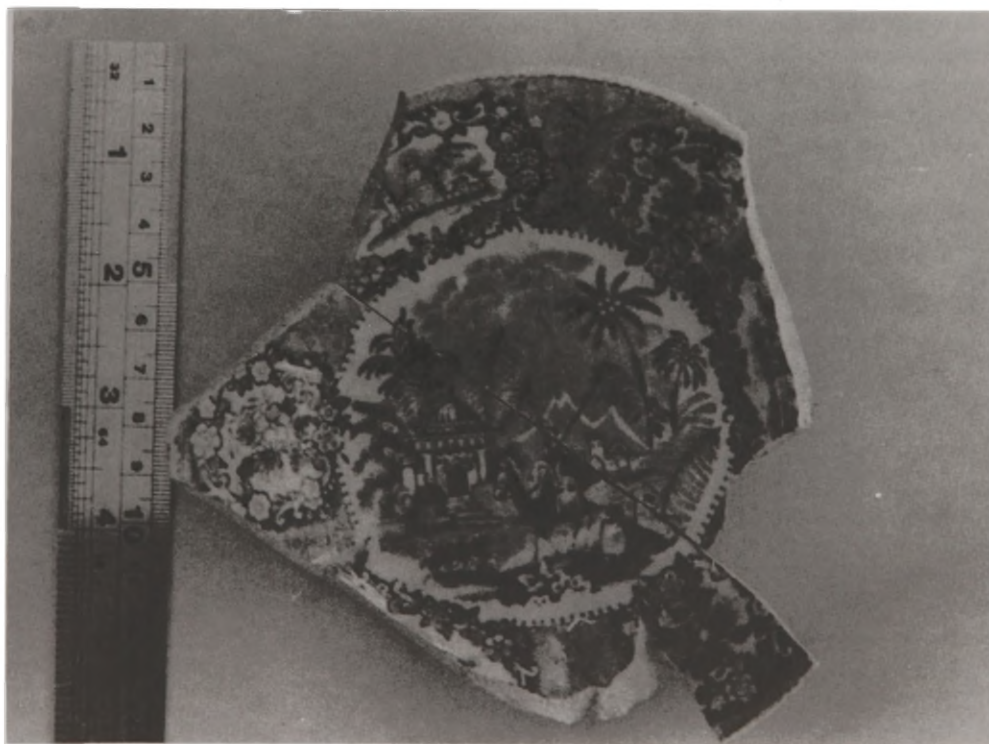
Foto 3 - Padrão Willow (ou "Pombinhos"). Tipo VI.

**DAVENPORT**

*fig.7*



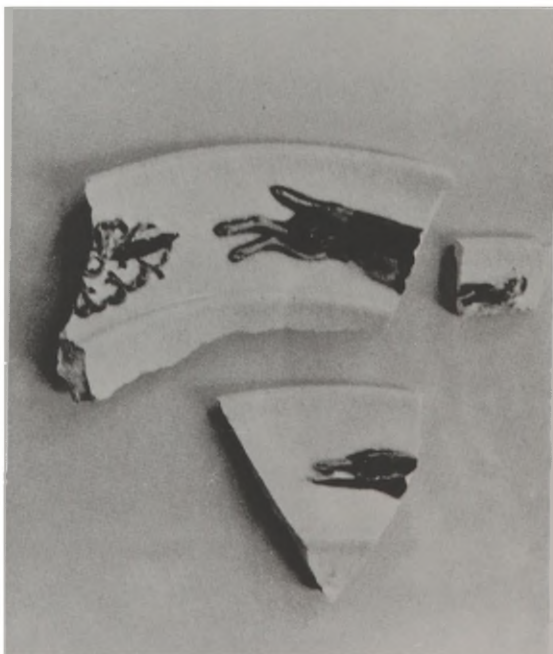
*fig.8*



*Foto 4 - Padrão Azul. Motivo decorativo árabe do modelo "ORIENTAL".*



*Foto 5 - Padrão Floral. Motivo decorativo do modelo "PRIZE MEDAL" de T, J & Mayer.*



*Foto 6 - Padrão Policromo em Relevô. Fabricação de Bordalo Pinheiro, Portugal.*



## PADRÃO MILKMAID

– Tipo XX – Inglaterra – fabricante desconhecido. Apresenta a figura de uma vaca em paisagem bucólica. Não se sabe ao certo a data de fabricação. Provavelmente meados do século XIX. (Brancante, 1992, comunicação pessoal)

## LOUÇA SEM DECORAÇÃO

– Tipo IV – Inglaterra (Yorkshire) – Ferrybridge Pottery ou Knottingley Pottery. Atuante de 1794 a nossos dias. O tipo em questão, com a inscrição “FERRYBRIDGE”, data de 1801 a 1879.

### A utilização da louça como ferramenta de datação de sítios históricos

No início década de 70, Stanley South propôs em um artigo clássico a utilização de uma fórmula para datação de sítios históricos do século XVIII, por meio da louça (SOUTH, 1978). A “New Archaeology” estava em seu auge, e a apologia dos métodos quantitativos e fórmulas matemáticas para a interpretação e estudo do material arqueológico era feita de modo incisivo.

A denominada “fórmula de datação média de louças” constituiu-se numa tentativa de otimizar o método de datação usado até então, que levava em conta somente a presença ou ausência de determinados tipos de louça no sítio arqueológico. Com a fórmula, South propôs adicionar a este método a frequência de cada tipo no sítio, levando em conta o número de fragmentos de cada tipo. Trata-se de uma fórmula simples de média ponderada, representada do seguinte modo:

$$Y = \frac{\sum_{i=1}^n x_i \cdot f_i}{\sum_{i=1}^n f_i}$$

onde Y = data média das louças.  
xi = data média de manufatura de cada tipo de louça.  
fi = frequência de cada tipo de louça.  
n = no. de tipos de louça na amostra.

A relação entre esta “data média de fabricação” do conjunto de louças encontradas em um sítio e a data de ocupação do sítio, porém, não segue uma lógica propriamente matemática. Ao contrário, é uma relação totalmente empírica.

Conforme colocado por South:

“Although this frequency-adjusted manufacture date might be assumed not to have anything to do with the occupation date for an historic site, (...) there is a remarkable degree of similarity between (...) the date derived from the use of the formula and the historically known median occupation date of the eighteenth century historic sites on which it has been used.” (South, 1978:75).

Lima *et al.* (1989b), propõem a utilização da fórmula para a datação de sítios históricos do século XIX, além de um aperfeiçoamento do método, com a utilização da frequência calculada não por fragmentos, mas por número de peças.

“(…) no caso de louças históricas, este critério (a frequência por número de fragmentos) pode erroneamente atribuir um peso maior, por exemplo, a cinquenta fragmentos que correspondem a um único prato, que a três cacos (*sic*) que na verdade são equivalentes a três diferentes peças. Disto resulta um cálculo de frequência equivocado, e, conseqüentemente, uma data média distorcida.” (Lima *et al.*, 1989b:89).

A colocação acima faz sentido, mas não se pode afirmar que na prática todos os fragmentos serão corretamente associados aos recipientes que os deram origem, mesmo que se leve em conta características como espessura, tonalidade, regularidade na decoração etc. uma vez que os jogos de louça, e em especial a faiança fina inglesa, com dezenas de peças, eram produzidos em larga escala e por métodos industriais. O que se pode fazer é associar fragmentos que apresentem características semelhantes e, sistematicamente, agrupá-los de modo a se obter um **número mínimo** de recipientes. Em um acervo composto de fragmentos, se tivermos três fragmentos que remontam a um quarto que, apesar de ter características muito semelhantes aos outros três, não pode ser diretamente associado a eles (p.ex. os três fragmentos podem ser de uma borda, e o quarto do centro de um prato), não podemos considerá-lo como fazendo parte do mesmo recipiente. É neste sentido que usamos o termo

“número mínimo”; no mínimo teríamos um recipiente, se o fragmento que não remonta realmente fizesse parte do mesmo prato. Porém, o quarto fragmento pode ser de outro recipiente do mesmo jogo de louça, e neste caso poderíamos estar lidando com dois recipientes. Percebe-se então que isso pode ocorrer em escala muito grande, dependendo do número de fragmentos com que o arqueólogo está lidando. De qualquer modo, a imprecisão continua. Escavações arqueológicas são quase sempre amostrais, e remontagens de recipientes completos são bastante raras.

Além do exposto, cabe lembrar que em seu artigo de 1971, South citou uma tentativa de utilização da fórmula por meio da frequência de recipientes, mas rejeitou-a:

“Noel Hume provided us with a frequency tabulation for the ceramic types from the Trebell Site Celar (...) by object and by sherd count. (...) The documents indicate a probable occupation period (...) with a median date of 1797. Using both sets of data (...) we obtain a mean ceramic date of 1780,5 using the object count and 1788,9 using the sherd count. This would tend to point a more accurate formula date using sherd count than when an object count is used” (South, 1978:76).

Com o intuito de minimizar as imprecisões ocorrentes na tabulação de frequências, procurou-se um outro meio de anular o efeito que a quebra desigual dos recipientes poderia induzir na frequência por fragmentos. Uma solução que nos pareceu bastante simples foi calcular a frequência por **peso** de cada tipo de louça. Como estamos lidando com um mesmo material, com propriedades físicas muito semelhantes, não há diferenças de densidade significativas a ponto de impedir a comparação entre as frequências e, por extensão, a aplicação da fórmula.

O procedimento é o mesmo utilizado na tentativa de remontagem de peças: separaram-se os fragmentos por tipo de decoração, espessura, características da pasta, características de impressão e marcas. Os fragmentos que remontavam foram separados e pesados, sendo considerados como recipientes. Os fragmentos que *poderiam* pertencer ao mesmo recipiente ou ao mesmo jogo de louça mas que não puderam ser remontados foram separados e pesados. Juntou-se a eles o peso dos fragmentos remontados, e assim estabeleceu-se uma frequência para uma determinada classe de fragmentos.

## Resultados obtidos

### no sítio Florêncio de Abreu

Serão expostos a seguir os resultados obtidos por meio da utilização da louça como material datante do sítio. Inicialmente vamos estabelecer limites para o que consideramos a data média histórica de ocupação: a casa foi construída em 1892, e é ocupada até os dias de hoje por uma delegacia. Os vestígios arqueológicos, porém, são considerados como resultantes de atividade doméstica. A casa passou a ter uso institucional a partir de 1895, e este será considerado o limite final da ocupação para fins de datação do sítio. A data média histórica, portanto, é 1894 (1893,5).

A tabela 1 apresenta os tipos já descritos anteriormente, com as tabulações por número de fragmentos, número mínimo de recipientes e peso em gramas.

A aplicação da fórmula proposta por South forneceu as seguintes datações :

a) Frequência tomada por número de fragmentos:

(FÓRMULA DE SOUTH)

$$Y = \frac{12.259}{210} = 58,4(+1800) = 1858$$

b) Frequência tomada por número mínimo de recipientes:

$$Y = \frac{3.395}{60} = 56,6(+1800) = 1857$$

c) Frequência tomada por peso de cada tipo:

$$Y = \frac{336.700}{5.596} = 60,2(+1800) = 1860$$

Como pode ser percebido, as datas são bastante próximas. O problema é que a casa só foi construída em 1892, e a data média histórica é, como foi visto, 1894.

Os dados fornecidos pela fórmula não estão “distorcidos”. Eles simplesmente indicam a data média de fabricação das louças que foram identificadas, o que é um dado objetivo. Como pode ser observado nos gráficos 1, 2 e 3, há um agrupamento bastante coerente nas datas, qualquer que seja o cálculo de frequências utilizado.

TABELA 1

PADRÃO/TIPO	DATA MÉDIA DE FABRICAÇÃO	No. FRAGMENTOS	No. MÍNIMO DE RECIPIENTES	PESO (g)
AZUL BORRÃO (I)	1857	40	13	818
AZUL BORRÃO (II)	1840	3	1	26
AZUL (III), MODELO "ORIENTAL"	1833	19	5	420
LOUÇA BRANCA (IV)	1840	2	1	8
AZUL BORRÃO (V), MODELO "TONQUIN"	1858	1	1	16
WILLOW (VI)	1867	27	8	708
WILLOW (VII)	1860	1	1	50
WILLOW (VIII)	1845	5	1	476
WILLOW (DIVERSOS)	1867	92	21	2906
AZUL BORRÃO (X), MODELO "HONC"	1858	2	1	14
FLORAL (XVI)	1849	3	1	58
AUTO RELEVO POLICROMO	1896	3	1	24
GREEN EDGED	1805	2	1	16
FLORAL (XXXIII)	1830	9	3	42
BLUE EDGED	1805	1	1	14

A primeira hipótese aventada para tal disparidade foi a de que o material arqueológico encontrado não se relacionasse à casa em si, mas sim à construção que existia anteriormente no terreno, feita em taipa de pilão, coberta com telhas de capa-e-canal e posteriormente demolida, como pôde ser verificado em documentos escritos e na iconografia da época.

O contexto arqueológico, porém, desfavorece esta hipótese por dois motivos básicos:

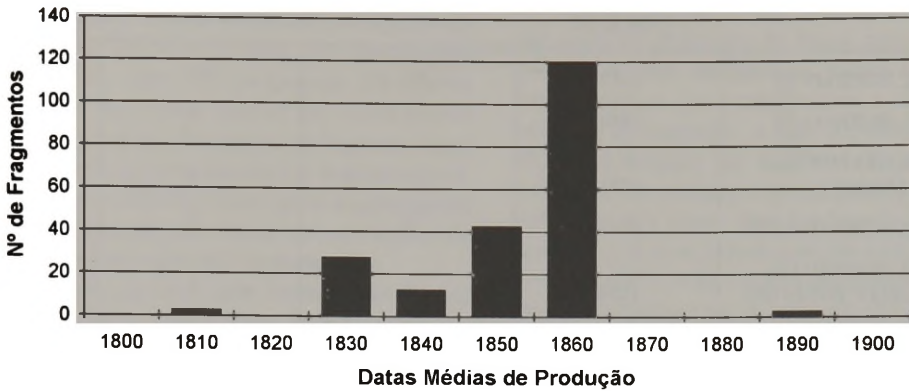
A) **Material Construtivo** – Se o material arqueológico fosse relacionado à construção de taipa, esperaríamos encontrar, quando muito, restos de telha do tipo capa-e-canal. Neste caso, porém, foram encontrados fragmentos de tijolo e telhas francesas, material intimamente relacionado com a construção ora existente e que ocorreu até 1,42 m de profundidade, muito abaixo da louça. Além desse material, foram encontrados

fragmentos de isolante elétrico de porcelana, entre 0,25 e 0,40 m de profundidade, associados a faiança fina inglesa.

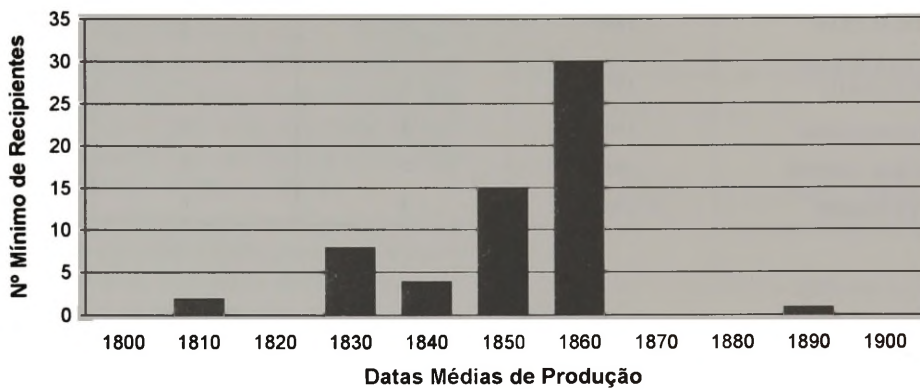
Segundo Moraes (1992), a partir de diversas evidências existentes no interior da residência, à época de construção do imóvel não havia eletricidade (possivelmente a iluminação usada era a gás). A associação de isolantes elétricos com faiança fina inglesa padrão “azul borrão” fabricada por Copeland & Sons em torno de 1857 nos dá uma última evidência da contemporaneidade no uso dos materiais, sugerindo que a louça foi quebrada e descartada pelo menos quatro décadas após sua fabricação.

B) **Vidro** – Segundo Zanettini (comunicação pessoal, 1992), a assembléia de vidros encontrada no sítio sugere fortemente uma data entre fins do século XIX e início do século XX, o que se coaduna com o período de construção da casa em

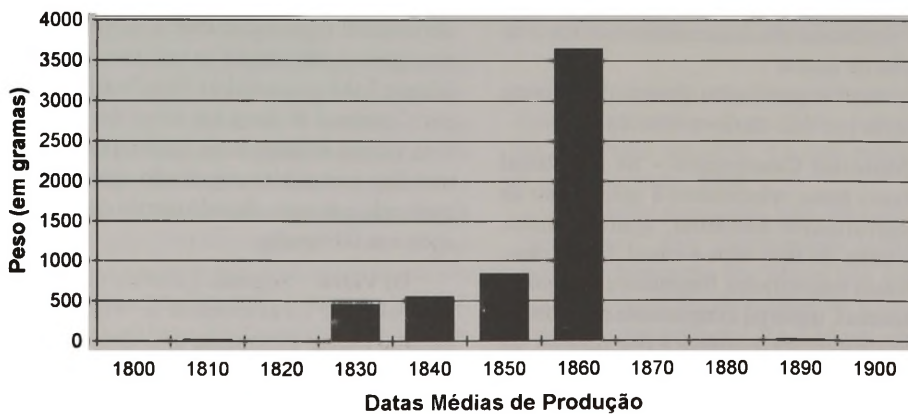
### 1. FREQUÊNCIA DE LOUÇA POR NÚMERO DE FRAGMENTOS



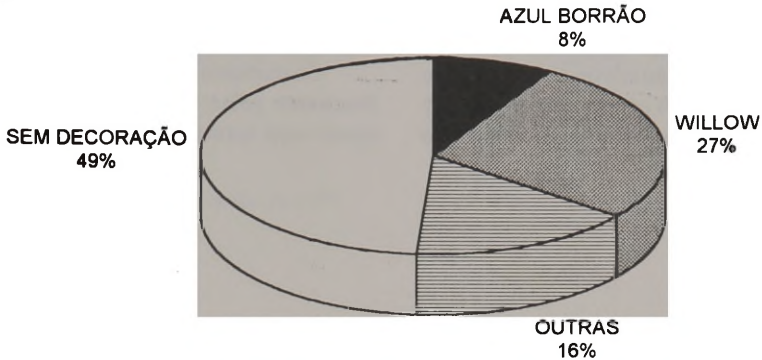
### 2. FREQUÊNCIA DE LOUÇA POR Nº MÍNIMO DE RECIPIENTES



### 3. FREQUÊNCIA DE LOUÇA POR PESO



#### 4. PORCENTAGEM DE LOUÇA DECORADA E SIMPLES



alvenaria de tijolos. A íntima associação do vidro com a louça, quer seja nos mesmos estratos, quer seja nas estruturas de descarte, sugere novamente a contemporaneidade no uso destes materiais.

Dadas as evidências acima, resta tentar explicar a disparidade entre as datas de fabrico e de descarte da louça, ou seja, sua longevidade anormal.

Uma possível explicação parece residir em uma peculiaridade do padrão de uso e descarte, possivelmente relacionada a uma alteração no papel desempenhado pelos jogos de louça em questão. O fato de termos obtido uma data média de 1860 para a louça indica, primeiramente, que a data média de fabricação das louças *decoradas* (em sua maioria) é 1860. A louça branca, utilitária, compõe quase 50% do universo total (gráfico 4) e não pôde ser adicionada à fórmula pela ausência de marcas que a identificasse. O mesmo para alguns padrões decorados, que não foram identificados.

A hipótese mais plausível, ao nosso ver, é a que explica a disparidade de datas por meio de um “atraso” na utilização dos jogos de louça decorados. A faiança inglesa pode ter sido realmente adquirida na década de 1860, tendo sido guardada sem muito uso até que houve a mudança da família para a rua Florêncio de Abreu. Na nova casa, teria havido a decisão de utilizar-se os jogos de faiança inglesa que já não eram considerados “nobres”. Tampouco os jogos poderiam ser encarados como “antiguidades”, já que nos

quarenta anos em questão não houve modificações sensíveis nos padrões decorativos (como é o caso do padrão “Willow”, fabricado até os dias de hoje). A faiança e porcelana francesas, muito mais caras que as inglesas, foram encontradas no sítio em pouquíssima quantidade, mas atestam a existência de jogos de louça mais caros e “finos” no interior da casa. Nesta hipótese, portanto, a faiança inglesa, passando a ter função utilitária (o que também é sugerido pelo grande número de pratos encontrados), teve seu processo de quebra iniciado tardiamente.

#### Considerações finais

O uso de fórmulas de datação de sítios arqueológicos históricos por meio de louça nunca deve ser dissociado da análise de outros materiais e dados referentes ao sítio. Longe de se constituir em uma “fórmula mágica”, a fórmula empregada por South pode induzir a erros consideráveis na datação de sítios arqueológicos, se não for utilizada com reservas.

Evidentemente, a proposta de uso de uma fórmula que calculasse a média da data das louças levando em conta a frequência dos tipos (média ponderada) foi um avanço sobre a simples notificação de ausência ou presença. Como pôde ser observado, a diferença entre as datas obtidas é muito pequena para que se possa afirmar que um método de cálculo de frequência é superior a outro.



Parece-nos, porém, que o cálculo de frequência por peso tenderia a ser favorecido, uma vez que as imprecisões decorrentes da fragmentação desigual e da remontagem incompleta seriam minimizadas. O debate sobre o modo de calcular a frequência, porém, não nos parece muito relevante, uma vez que imprecisões muito maiores podem ocorrer em fases anteriores, na própria classificação. É neste ponto

que os arqueólogos devem centrar esforços, buscando uma nomenclatura (ou tipologia) comum e trocando informações a respeito dos diferentes acervos.

### Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer ao dr. Eldino Brancante pelas inestimáveis contribuições ao estudo aqui apresentado.

ARAUJO, A.G. de M.; CARVALHO, M. R. R. de British tableware of the XIX century: some considerations on the terminology and methods used at Florêncio de Abreu site. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, S.Paulo, 3: 81-95, 1993.

ABSTRACT: Beginning with the study of tableware from a house of late XIX century, a data systematization and a critical approach of the methods used in the study of this class of material were sought, with particular emphasis on the stoneware. The main problems refer to some concepts like "pattern" and "model". The establishment of "types" is also suggested, aiming to refine the current study, and some questions are raised about the use of the mean ceramic date formula, proposed by Stanley South in 1971.

UNITERMS: Historical Archaeology – British tableware – Stoneware – Methodology – Mean ceramic date formula.

### Referências bibliográficas

- ARAKAKI, F. R. (1987) *Estudo das Categorias Cerâmicas dos Sítios Arqueológicos Históricos, Casa no. 1 e Beco do Pinto – Pátio do Colégio, Município de São Paulo*. Relatório de Bolsa de Aperfeiçoamento / FAPESP.
- ARAUJO, A.G de M.; JULIANI, L. de J.C.O.; CARVALHO, M.R.R. de (1992) *Relatório de Pesquisa Arqueológica do Sítio Florêncio de Abreu*. STLP, Depto. Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo.
- BRANCANTE, E. F. (1954) *A cerâmica na vila de São Paulo; seu interesse histórico e sociológico. São Paulo em Quatro Séculos*. São Paulo: I. H. G. S. P., V. 1:195-202.
- (1981) *O Brasil e a Cerâmica Antiga*. Cia.Litográfica Ipiranga, São Paulo.
- CUSHION, J. P. (1987) *Manuel de La Céramique Européenne*. Office du Livre, Fribourg, Suisse.
- LIMA, T. A. ; FONSECA, M. P. R. da; SAMPAIO, A. C. de O.; FENZL-NEPOMUCENO, A.; MARTINS, A. H. D. (1989a) *A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro. Dédalo*, São Paulo, pub. avulsa, 1:205-230.
- (1989b) *Aplicação da fórmula South a sítios históricos do século XIX. Dédalo*, São Paulo, 27:83-97.
- MORAES, J. (1992) *Relatório Técnico de Prospecções de Pintura - Casa à Rua Florêncio de Abreu, 223 - São Paulo - SP*. Julio Moraes Conservação e Restauro SCL, 1992.
- SCHÁVELZON, D. (1991) *Arqueologia Histórica de Buenos Aires I - La Cultura Material Porteña de los Siglos XVIII y XIX*. Corregidor, Buenos Aires.
- SOUTH, S. (1978) *Evolution and horizon as revealed in*

ARAUJO, A. G. de M.; CARVALHO, M. R. R. de A louça inglesa do século XIX: considerações sobre a terminologia e metodologia utilizadas no sítio Florêncio de Abreu. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, S. Paulo, 3: 81-95, 1993.

ceramic analysis in historical archaeology. R.L. SCHUYLER (Ed.) *Historical Archaeology: A Guide to Substantive and Theoretical Contributions*. Batwood Publishing Company:68-82.

WILLIAMS, P. (1981a) *Flow Blue China; An Aid to Identification*. Fountain House East, 2nd ed.,

Jeffersontown, Kentucky.

—.(1981b) *Flow Blue China II*. Fountain House East, 5th ed., Jeffersontown, Kentucky.

ZANETTINI, P.E. (1986) Pequeno roteiro para classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. *Arqueologia*, 5:117-130, Curitiba.

*Recebido para publicação em 30 de junho de 1993.*